



## NOTA SOBRE UM “DISCURSO GUARDA CHUVA”: MUSEU, MUSEOLOGIA, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

*Priscilla Arigoni Coelho*

### RESUMO

Este trabalho pretende observar as representações partilhadas dos museólogos como um *tomar* consciência de uma situação dada que permite o desenvolvimento de uma consciência reflexiva do ato social. Deste modo, a popularização de museus na última década pode ser pensada como “sintoma” do processo de fragmentação das formas de representação de identidades sociais e culturais (Gonçalves, 2005). Tomando como ponto de partida o desdobramento da museologia enquanto disciplina e a história dessas instituições, buscamos identificar certas marcas que distinguem, segundo Thiesen (2009), os museus enquanto lugares privilegiados tanto de pesquisa quanto de construção do conhecimento. Portanto, a memória, dentro de nossa conjectura, teria como função reconstituir e recuperar conhecimentos compartilhados pelo grupo social, o que nos apontaria para repetição de um discurso que estabelece deslocamentos e relações contextuais. Os processos que engendram as representações sociais dos museólogos e dos profissionais de museus, como o discurso e a própria concepção de museu, estariam necessariamente no tecido social.

Palavra-chave: Museu; Museologia; Memória; Informação

### ABSTRACT

This work aims to observe the shared representations of the curators as becoming aware of a given situation that allows the development of a reflexive consciousness of the social act. Thus, the popularization of museums in the last decade can be thought of as a “symptom” of the process of fragmentation of forms of representations social and cultural identities (Gonçalves, 2005). Taking as a starting point for the unfolding of museology as a discipline and history of these institutions, we seek to identify certain distinguishing marks, the second Thiesen (2009), the museums as places of research so privileged as knowledge construction. Therefore, the memory, in our conjecture, would reconstitute and restore function knowledge shared by the social group, which point to the repetition of a speech laying displacements and contextual relationships. The processes that engender social representations of curators and museum professionals, such as speech and the very conception of the museum, had to have been the social fabric.

Keywords: Museum, Museality; Memory; Information



## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende salientar as representações partilhadas dos museólogos como um *tomar* consciência de uma situação dada que permite o desenvolvimento de uma consciência reflexiva do ato social. Deste modo, a popularização de museus na última década e, principalmente, o surgimento dos museus ditos do século XXI pode ser pensada como “sintoma” do processo de fragmentação das formas de representação de identidades sociais e culturais (Gonçalves, 2005). Observamos, dessa forma, o desempenho desses profissionais e o desenvolvimento de estratégias discursivas como ponto fundamental para consolidação e afirmação do grupo em questão.

Cabe ressaltar, entretanto, que quando observamos determinado grupo devemos levar em consideração as particularidades inerentes ao tipo de formação, qualitativamente diversificada, dos pequenos e dos grandes grupos. Podemos dizer que as várias conotações acerca do conceito de grupo apontam para uma acepção genérica de conjunto ou união de diversos indivíduos. Segundo Johnson (1987, p.527) devemos definir o referido termo como uma “[...] categoria de pessoas agrupadas em função de uma determinada frequência estatística ou variável determinada”. Já para Busino (1999, p.125) esse termo seria considerado um tipo de coletividade, salvo suas particularidades:

[...] A unidade, a coerência, a consciência e a permanência prevaleceriam nele (o grupo) sobre a pluralidade, sobre as discordâncias, sobre o desconhecimento das ações e dos objetivos, e sobre a transitoriedade. As relações de interdependência e de troca, as interações, a comunidade de vida afectiva, a participação de todos, alimentariam o universo grupal e desenvolveriam normas, valores, crenças, mitos, etc.

De fato, a delimitação de tal termo, dentro das concepções das ciências sociais e das ciências humanas, permanece constantemente reportada à estrutura social existente e à vinculação como referência a certa identidade grupal. Um determinado grupo, no sentido de unidade social, consolida os canais que alimentam as ações e, por conseguinte, o comportamento de seus membros.

Assim, os mecanismos que permitem regular as atividades do grupo ocorrem através da sintonia de idéias e de interesses dos indivíduos. A *passagem* do individual para o social seria assegurada pelo caráter de coesão no qual o interesse de um indivíduo se funde ao interesse do todo, o grupo. Dentro dessa perspectiva, não podemos deixar de salientar que um grupo reporta-se naturalmente às marcas das condições particulares com as quais ele se desenvolveu, deste modo, a própria noção de grupo aponta-nos sempre “ao contexto discursivo específico” (BUSINO, 1999, p.125).

Para embasar o desenvolvimento desse artigo, buscamos suporte, primeiramente, em autores clássicos da memória social, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, e num segundo momento, a partir das considerações de produção do discurso, trabalharemos o papel central da memória no processo de significação tanto dos sujeitos quanto de uma dada conjuntura.

Em seguida, calcado no conceito de representação social na medida em que consideramos primordial a ênfase dos papéis desempenhados pelos museólogos, como atores sociais, para delimitação do próprio grupo. Destacamos as considerações de Pierre Bourdieu acerca do conceito



de campo para trabalharmos com as caracterizações do campo museal.

## 1. ESPAÇOS DA MEMÓRIA – O JOGO DISCURSIVO

Questões relacionadas à emergência e à construção da memória, como uma das preocupações primordiais das políticas culturais, têm despertado a atenção de pesquisadores em diversas áreas. Tal situação, particularmente, propicia e contribui para inúmeras e profundas transformações no cenário contemporâneo, dominado por espaços de memória (HUYSSSEN, 2000).

Desta forma, a memória seria campo de disputas pelo poder, que trabalhando seletivamente arregimentando os elementos que constituem o grupo de sua origem, já que a relação que se estabelece entre a memória e a identidade permanece com base na necessidade de continuidade tanto para o indivíduo quanto para o grupo.

Dentro desse contexto, temos como expoente o estudioso Maurice Halbwachs que contribuiu para a delimitação do significado da noção de memória social, dando ênfase à lembrança como parte de uma construção social. Santos (2007; 2003) salienta que para Halbwachs “a memória era a memória coletiva”, ou seja, este fenômeno foi pensado pelo autor a partir dos laços sociais existentes entre os indivíduos numa dada coletividade.

Tal conceituação ganhou certa corporeidade, pois na época o fenômeno da memória era pensado meramente em função do subjetivo e do individual. Para Halbwachs (1990) a memória dependeria, unicamente, dos quadros sociais que um indivíduo se defrontava ao longo da vida, pressupondo, portanto, a tese das memórias individuais intimamente ligadas ao grupo do qual faz parte cada sujeito dentro de um contexto social.

Desta forma, a memória estaria arraigada à memória do grupo e esta, por sua vez, estaria relacionada a uma esfera maior, a memória coletiva de uma determinada sociedade. Sendo, assim, o instrumento socializador da memória seria a própria linguagem que em virtude de suas convenções verbais constituem o quadro referencial da memória coletiva no qual evoluem presentemente o grupo e seus membros. Por isso, devemos ressaltar que “[...] o funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as idéias, as quais não são inventadas pelos indivíduos, mas que eles as empregam no seu meio” (HALBWACHS, 1990, p.31).

De fato, os indivíduos se inserem sob a perspectiva do grupo, o que implicaria dizermos que, nesse sentido, a memória do grupo manifesta-se por meio das memórias individuais dos seus membros. Tal perspectiva nos permite observar a rememoração pessoal – a lembrança, ao processo cognitivo da leitura – dentro dos processos da memória coletiva, correntes de pensamento coletivo, que permite aos indivíduos, de um modo geral, recordar em virtude das estruturas sociais nas quais estão engajados, enquanto membros do grupo, como por exemplo, a família, a escola, o trabalho.

[...] desde o momento em que nós e as testemunhas faziam parte de um mesmo grupo e



pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. Poderíamos dizer, também: é preciso que desde esse momento não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte, isto é, colocando-se no seu ponto de vista, e segundo todas as noções que são comuns a seus membros (HALBWACHS, 1990, p.29).

É importante destacar que a sucessão de lembranças, dentro dessa perspectiva, ocorre pelas múltiplas combinações e transformações dos diversos meios coletivos separadamente. Deste modo, teríamos convergências e divergências do conjunto de lembranças comuns dos membros de um grupo, pois a memória individual desses indivíduos permaneceria como um ponto de vista de um todo que é a memória social. Assim, as memórias individuais sofrem a influência da memória por meio das relações estabelecidas pelos indivíduos com suas hierarquias e classificações reforçando os sentimentos de pertencimento do grupo.

Cabe-nos ressaltar a abordagem de Pierre Nora com relação à memória, mais especificamente, o conceito de lugar de memória consolidado pelo autor. Tal noção de lugar constitui-se no exato momento que a memória começa a operar, ou seja, abarcam um “[...] lugar duplo, um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome mais constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (NORA, 1993, p.24). Portanto, são lugares que fomentam a construção e elaboração de uma coletividade, como elemento simbólico, tanto o individual quanto coletivo, como no caso, de pequenos grupos.

Esta categoria de lugar articula uma rede de identidades múltiplas a uma realidade, signos que permeiam uma significação no cerne de uma unidade temporal, já que a memória passaria a se constituir por intermédios desses lugares, ganharia contornos e permaneceria interligada aos agentes responsáveis por sua produção.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testemunho, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1993, p. 27).

Desse modo a concepção de lugar de memória nos possibilita elucidar a formação do campo com regras específicas de funcionamento e agentes determinados com objetos textuais. Nessa conjuntura, ao considerarmos as condições de produção do discurso, devemos levar em consideração o papel nevrálgico da memória no processo de significação dos sujeitos e de uma dada situação. Assim, a memória em relação ao discurso, teria características peculiares. Pensada como interdiscurso, passa a ser denominada memória discursiva por Courtine (1981) como aponta Orlandi (2003, p.32-33):



[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada [...] a memória que tornou possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento e que representa o eixo de sua constituição (interdiscurso).

Entretanto, cabe ressaltar que Charaudeau (2004, p.326) não trabalha diretamente com a definição de memória discursiva mas desdobra tal conceito em três tipos de memória: uma memória de discurso, uma memória das situações de comunicação e uma memória das formas, cada qual com suas respectivas características. De um lado, a memória do discurso se desenvolveria mediante o “saber de conhecimento e de crença do mundo” o que constituiria especificamente comunidades discursivas. De outro, a memória das situações de comunicação por constituir por meio tanto de contratos quanto de dispositivos de comunicação formando comunidades comunicacionais. E, ainda, a memória das formas por meio de modos de falar e/ou dizer que formam comunidades semiológicas.

Dito de outra forma, o domínio da memória discursiva constitui-se, segundo Maingueneau (1997, p.115), de “formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações”. Para tal a memória discursiva representaria o interdiscurso, como uma “instância de construção de um discurso transversal”, que permite recuperar as relações enunciativas e as histórias pelo funcionamento da língua.

Para Mariani (2005), a organização da língua estabelecerá um duplo movimento no qual o sujeito seria trabalhado pela língua num mundo já dotado de sentidos. Trata-se, portanto, segundo a autora, do sujeito permanecer ligado nas redes significantes, em processos da memória. Essa memória poderia ser resignificada, de modo individualizado, por sua constante relação com o esquecimento.

[...] O processo de identificação-interpelação, portanto, se realiza nas filiações constituídas pelas redes da memória, memória atravessada ao mesmo tempo pelas relações inconscientes e determinadas históricas. Ou seja, o sujeito não escolhe um modo pelo qual será interpelado. Ele é interpelado porque é afetado pelas determinações históricas e inconscientes (MARIANI, 2005, p.3-4).

Orlandi (2003, p.10) observa que os processos da memória funcionam e adquirem sua forma ideologicamente, assim como o próprio modo como os sujeitos são interpelados, ou seja, “o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social”. Assim sendo, a formulação, atualização da memória discursiva, ocorreria materialmente no discurso em texto, pela textualização. Portanto, a memória, dentro de nossa conjectura, teria como função reconstituir e recuperar conhecimentos compartilhados pelo grupo social, o que nos apontaria para repetição de um discurso que estabelece deslocamentos e relações contextuais.

## **2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CAMPO MUSEAL EM JOGO – O OUTRO LADO DAS IDÉIAS**



Os processos que engendram as representações sociais dos museólogos e dos profissionais de museus, como o discurso e a própria concepção de museu, estariam necessariamente no tecido social, já que as representações e os signos tornam-se a própria substância sobre a qual o poder ganha contornos. Deste modo, o espaço material dos museus seria construído, social e simbolicamente, através de diversas relações que se estabelecem entre grupos, classes sociais, categorias de profissionais, público, colecionadores, artistas, agentes do Estado, que reverberam no funcionamento dos museus como espaços materiais de representação social (GONÇALVES, 2005). Para Moscovici (1995, p.12):

[...] todas as culturas que conhecemos possuem instituições e normas formais que conduzem, de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização. As representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível. Quero dizer que é justamente este estado de coisas que torna a noção de conflito tão essencial [...], quer se trate de transformações cognitivas, quer se trate de comunicações públicas. Sem esta noção não se pode compreender nem o dinamismo da sociedade nem a mudança de qualquer uma das partes que a compõem.

Portanto, as representações estabeleceriam uma correlação e passariam a ser interpretadas conforme o referencial do campo do poder. Segundo o Bourdieu (1996), o campo seria um espaço estruturado, com mecanismos e propriedades próprias, onde dominantes e dominados buscam a manutenção e a obtenção de determinados postos.

A construção do campo é uma condição preliminar da trajetória social em relação à posição dos agentes. O campo corresponde ao sistema social que delimita normas de produção e os critérios de avaliações norteados pelo reconhecimento concebido pelos agentes e seus grupos de pares. Nesse contexto, contexto museológico se delimita como um sistema simbólico por intermédio dos agentes especializados do campo. O conjunto de mecanismos sociais desse sistema possibilitaria a construção do “campo museal” com elementos estruturantes que compõem o *habitus* e suscitam a escolha. Assim os embates do campo proporcionam condições favoráveis à interligação dos agentes envolvidos.

O *habitus*, como um produto de estruturas sociais, tende a delimitar as ações da escolha mediante a interligação dos agentes do campo, ou seja, o *habitus* funcionaria como uma força, um dispositivo no interior desta configuração social. Neste sentido as práticas sociais vigentes no campo seriam resultado da interação com o *habitus* tendo em vista que esse é o gerador da estrutura e orienta as ações, mas não institui normas fechadas, permanecendo como um produto das práticas sociais.

Segundo Bourdieu (2000) a luta no interior do campo seria o motor permanente que possibilitaria uma cumplicidade social e, por conseguinte, condicionaria o funcionamento da economia dos bens culturais. Sendo assim, o campo museal é um campo social como qualquer outro e como tal é atravessado por regras gerais do campo do poder, espaço este caracterizado conforme “[...] as relações de força entre os agentes e as instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente)”



(BOURDIEU, 1996, p. 244).

Para tal, a questão central das representações é que estas são construtivas na medida em que constituem o entorno de uma dada sociedade e as identidades que elas sustentam garantem aos sujeitos um lugar nessa sociedade. Nesse caso, as representações sociais estabelecem “uma ordem que permite aos sujeitos orientar-se no seu mundo material e social e comandá-lo” (MOSCOVICI, 1995, p. 11).

Santos (2004, p.61) aborda, em seu artigo “Museus Brasileiros e política culturais”, uma análise das práticas e estruturas presentes nas instituições museais brasileiras a partir das transformações da sociedade tendo como base a relações dessas instituições, com o Estado e o mercado. Segundo a abordagem da autora, a partir de uma perspectiva histórica do caso brasileiro, “[...] o desenvolvimento econômico de cada região e a associação entre museu e capital cultural não podem ser considerados os únicos elementos a explicar a concentração de museus em uma determinada região”.

Cabe ressaltar que Santos (2004, p.68) destaca, com base na abordagem teórica de Bourdieu (2001), a flexibilidade das “fronteiras” entre os diferentes campos. Deste modo, segundo a autora, “o conceito de campo seria relativo [...] quanto mais o campo do conhecimento for autônomo, menos ele dependerá da política, da economia ou da religião”. Dentro desse contexto, Santos (2004) salienta que existe uma forte tentativa do Estado de diminuir sua intervenção nas instituições culturais a partir de 1991, com a Lei Rouanet. Nesse sentido, torna-se necessário pontuar que, segundo a autora, apesar dos museus no caso brasileiro constituírem um campo próprio, no caso o campo museal, este é reconhecido por seus valores, práticas e discursos específicos mas seria notório a falta de transparência e visibilidade de suas ações

Do ponto de vista de Moraes (2009), deve ser observado o período de 2003 a 2009<sup>4</sup> no qual é possível destacar uma continuidade e, sucessivo, aprofundamento de um projeto de mudanças significativas institucionais que possibilita e cria condições plausíveis para estabelecer novas relações entre a instituição museu, o Estado e a Sociedade.

[...] os documentos institucionais do IPHAN, DEMU e Minc são fontes permanentes, poderíamos, com o objetivo de formulação de uma síntese, demonstrar que, do ponto de vista do Estado e das ações que regem as políticas museológicas, esta continuidade e coerência de ações estão assinaladas na existência de marcos estruturantes, a partir da constituição da Política Nacional de Museus (PNM): a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU); a formulação e institucionalização do Sistema Brasileiro de Museus (SBM); o estabelecimento do Estatuto dos Museus (EM); e, finalmente; a aprovação e constituição do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Para alguns, o fim deste processo, que se inicia com a criação do IBRAM e, para outros observadores, o IBRAM significa o fim de um processo e o começo de outro. Na realidade, uma terceira perspectiva pode ser considerada. Este processo se aprofunda a partir de 2002 quando, no Rio Grande do Sul, é produzida a Carta do Sul ou Carta do Rio Grande, em que são colocadas algumas questões

4 Segundo Moraes (2009, p.54) “[...] o ponto de partida desta análise é o papel atribuído à centralidade do Estado na formulação, gestão e financiamento das políticas públicas culturais e o papel central que as instituições museológicas ocupam no governo Lula. Uma centralidade que, nesse período denominado de *Governo Lula*, governo entendido como gestão, que foi reeleito. Este período é marcado pelas tensões e mudanças na América Latina e incertezas na economia e finanças internacionais”.



que orientam as ações deste grupo (MORAES, 2009, p.60).

Ao analisar a área museológica, Moraes (2009, p.64) ressalta, a partir de uma abordagem histórica os principais eventos e ações de consolidação do IBRAM, as estratégias discursivas que foram acentuadas para legitimação do projeto em construção. Ou seja, “[...] Mário de Andrade citado pelos atores envolvidos no DEMU, possui história e herdeiros. Entre os diversos formuladores do campo, destacar Mário de Andrade implica em deslocamento simbólico, epistêmico, político e institucional.

Dentro desse contexto, Moraes (2009) destaca como “marco regulatório de diretrizes” a criação, em 2006, do Estatuto de Museus. Nesse sentido, o Estatuto seria fundamental para o discurso dos museólogos e profissionais de museus e, por conseguinte, legitimaria as expectativas do campo museal apesar de certa resistência e adesão de formas diferenciadas. Essa mobilização e engajamento diferenciados ocorreram em níveis distintos mas nunca indiferentes mas sim desigual. Na concepção de Moraes (2009, p. 69) o momento atual “[...] demonstra a necessidade em reforçar a mobilização mínima existente para garantir desdobramentos e as conquistas atuais; que estarão ameaçadas se deslocadas dos debates acadêmicos e das universidades”.

Deste modo, esses atores nos permitem pontuar a relação entre a memória e a identidade que, segundo Pollak (1992), só é possível se levarmos em consideração os três elementos essenciais para a construção dessas identidades: “a unidade física (a idéia de espaço), a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência” na qual ocorre a unificação dos elementos diferenciados que compõem o sujeito.

Pretendemos demonstrar que certamente o modelo de museu e o concomitante padrão de formação profissional se romperam com tais desdobramentos. Esses questionamentos aparecem evidenciar que:

[...] a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição (COSTA apud THIESEN, 2009, p.73)

O que buscamos é salientar as representações partilhadas desses profissionais como um *tomar* consciência de uma situação dada que permite o desenvolvimento de uma consciência reflexiva do ato social. Compreendemos a construção da identidade desse grupo como um modo de organizar significados que possibilitam a esses agentes se posicionar como atores sociais.



## BREVES CONSIDERAÇÕES

Ao iniciarmos este trabalho, indagávamos a respeito do movimento de proliferação de museus ditos do século XXI, o “museu informação”, que privilegia estruturas conceituais e aparato tecnológico em seus projetos museográficos. Tal investigação preliminar nos levou a destacar, particularmente, a questão: como o discurso oficial produz determinados significados relacionados com as representações sociais dos museólogos e dos profissionais de museus e a própria concepção de museu?, pergunta essa que ainda persiste mas nos permitiu considerar a dinâmica que se estabelece na atuação dos grupos implicados nesse processo.

Propusemos enfatizar, ao longo deste artigo, questões relacionadas ao campo museal e, por conseguinte, as lutas no interior do próprio campo como motor que possibilita uma cumplicidade social. Ou seja, o conjunto de mecanismos sociais desse sistema possibilitaria a construção do referido campo.

Observamos que a prática discursiva no interior do campo museal está intimidamente ligada e previamente determinada pelo contexto sócio-político-cultural no qual está inserido, o que supõe compreender o discurso como prática social de mecanismo de poder. Deste modo, os embates no campo proporcionariam a interligação dos agentes envolvidos.

Esses são alguns apontamentos que abrem a possibilidade de interlocução para entender os horizontes acerca do desenvolvimento do campo museal aqui esboçados e colocam-se na direção de somar e contribuir para reunir argumentos que elucidem os desafios do século XXI enquanto disciplina responsável pela formação de profissionais que atuam nas instituições de memória. O que poderia proporcionar quiçá maiores considerações sobre a instituição-museu que, segundo Huysen (2004), permanece como sendo o único edifício público em voga na atualidade.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BUSINO, G. Grupo. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v.38, p. 125-145, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Comunidade discursiva. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004b.

CHARAUDEAU, Patrick. Memória e interdiscurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU,



Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Ed. Contexto, p.326, 2004a.

CURY, M. X. Museologia, novas tendências. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. DE N. M. (orgs). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009 (MAST Colloquia; 11)

GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a representação do Brasil: os museus como espaços materiais de representação social. In: CHAGAS, Mario (org.). **Museus: antropofagia da memória e do patrimônio**. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, no. 31, p.254-273, 2005

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

HUYSEN, Andreas. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** (Vol. 27, nº 1-2004). São Paulo: Soc. Bras. Estudos Inter. Comunicação, p. 97-104, 2004.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Johnson, H. M. Grupo. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, p.526-527, 1987.

LOUREIRO, M. L. de N. M. L. Museus, Museologia e Informação Científica: uma abordagem interdisciplinar. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. DE N. M. (orgs). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009 (MAST Colloquia; 11)

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARIANI, Bethânia S. C. **Sujeito e sentido: efeitos de linguagem**. Disponível em: <[http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso\\_cambio/65Marian.pdf](http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/65Marian.pdf)>. Acesso em out. 2005.

MORAES, Nilson Alves de. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. **Revista de Museologia e Patrimônio**, vol. II, n.1, p.54-69, jan/jun 2009.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 7-16, 1995.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, p.7-27, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.10, p.200-212, 1992.



SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablums, 2003.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Museus brasileiros e políticas culturais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 19, n.55, p. 53-73, jun. 2004.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p.95-111, dez. 2007.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. DE N. M. (orgs). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009 (MAST Colloquia; 11)